

Para uma Edição dos Sete Tratados Cartusianos

Aida Sampaio
Universidade do Minho
Bolsista Praxis XXI

Delimitar um *corpus* representativo da prosa medieval levanta sempre vários problemas para o investigador, porquanto uma análise deste tipo de textos envolve naturalmente diversos aspectos aos quais é necessário atender, nomeadamente o facto de integrar textos literários e não literários, fazendo estes parte de conjunto muito extenso, na sua maior parte ainda não editados e analisados, várias versões do mesmo texto, originais e traduções de diferentes línguas, bem como o facto de existirem textos não datados pelos autores e sobre os quais pouco ou nada se sabe.

É imprescindível, no entanto, e tendo em conta a validade e exequibilidade dos trabalhos levados a cabo, que essa delimitação se faça, pelo que é necessário alicerçá-la em critérios orientados para os objectivos mais específicos dos estudos. Optar por um *corpus* de documentos literários ou não literários, originais ou traduções, delimitar um período de tempo ou de lugar de produção, tornam-se, pois, aspectos a considerar de forma a conseguir-se a unidade necessária para que os resultados da análise possam, como estudos parcelares, ser usados como contribuições para um conhecimento mais amplo e profundo da prosa medieval.

Assim, e tendo em vista o conhecimento e estudo da língua e cultura do século XV português, a delimitação que fizemos do *corpus* foi motivada também pelo facto de se tratar de um conjunto de textos da chamada 'prosa literária', oriundos de uma única ordem monástica e serem todos traduções da mesma época, bem como serem subordinados a uma mesma temática.

O texto objecto desta comunicação aparece em dois códices alcobacenses (CCLXXVI/ 199 e CCLXXV/ 214¹ da Biblioteca Nacional de Lisboa) que apresentam um conjunto de sete tratados espirituais ou místicos, normalmente conhecidos pelo nome do primeiro – o *Castelo Perigoso* –, pertencentes à Ordem dos Cartuxos que, fundada por S. Bruno em 1084 perto de Grenoble, se regia pela regra dos Beneditinos, sendo o isolamento e o silêncio as características mais marcantes da vida dos seus frades, os quais se cumprimentavam com um elucidativo "Lembra-te, irmão, de que hás-de morrer".

¹ Este, datado de finais de séc.XV ou princípios de XVI, não contém a tábua e o prólogo. Na edição do texto que estamos a preparar seguimos o cód. CCLXXVI/ 199.

Estes textos, que fazem parte do *corpus* sobre o qual estamos a trabalhar no âmbito do Doutoramento em Filologia², foram traduzidos para português na época medieval, pelo que se configuram como documentos valiosos quer para a história da cultura medieval, quer para a história da língua portuguesa.

É inquestionável a influência da religião na história do Homem. A Idade Média não foi excepção, bem pelo contrário; essa influência era sentida em todos os aspectos da vida dos homens, a sua mundividência era fortemente modelada pelos preceitos emanados pela Igreja, nomeadamente por via das ordens monásticas e religiosas que, por meio de uma “incessante dialéctica entre a fuga do mundo e a acção sobre o mundo, formaram um fenómeno total: religioso, social, económico, político, artísticos e cultural.”³. Os membros da instituição eclesiástica surgiam como detentores das chaves de união com Deus, de acordo com uma filosofia de vida segundo a qual o homem só teria razão de existir quando unido a Ele; detinham assim, como Seus representantes, um lugar de preponderante influência junto de todos os estratos da sociedade.

Contudo, as ideias monásticas não tinham o mesmo efeito junto daqueles que abraçavam a vida monástica e os outros, o vulgo, cuja formação e cultura não permitiam sequer que tivessem acesso aos textos que veiculavam tais ideais. Na verdade, e não obstante a vivência religiosa ser um aspecto fundamental na vida do homem medieval, ela plasmava-se sobretudo na assistência às missas e outras cerimónias religiosas, no respeito pelos jejuns e abstinências decretados pela Igreja, e pela participação em romarias e peregrinações, mais do que numa consciente formação cultural e religiosa. A formação da cultura canonista, religiosa e ascética era dirigida a quem queria ingressar na vida monástica e era com esse objectivo que eram produzidos, copiados ou traduzidos nos *scriptoria* dos Mosteiros textos de temática doutrinária, espiritual, ascética e mística.

Eram muitos e por razões distintas os que queriam ingressar na vida religiosa, homens e mulheres, embora a estas estivessem vedados alguns caminhos. Não obstante as desconfianças que sobre as mulheres recaíam por causa da sua “natureza diabólica”, as comunidades religiosas femininas existiram desde os primórdios da Igreja. No entanto, eram fortemente vigiadas⁴ e para elas se escreviam textos que se assumiam sobretudo como *regras*.

O *Château Périlleux*, original francês de onde foi traduzido o *Castelo Perigoso*, teve na sua génese a preocupação em oferecer a uma enclausurada normas de

² Tese a apresentar na Universidade de Santiago de Compostela: *Para uma edição da prosa literária do século XV português – Os sete tratados cartusianos: edição, estudo linguístico e glossário*.

³ J. Berlioz (1994) (apres.), *Moines et Religieux au Moyen Âge*, Paris, Ed. du Seuil, p.11.

⁴ A este propósito ver J. Berlioz (1994) (apres.), *Moines et Religieux au Moyen Âge*, Paris, Ed. du Seuil e Mário Martins (1982), « A vida reclusa e a sua influência na Idade Média » in *Lusitana*, nova série, nº4, Lisboa, pp.53-65.

vida que se adequassem à sua situação. Frei Robert, o autor do original francês, era frade cartuxo e dedicou este livro a uma sua prima que pertencia à ordem de Fontevrault. Mário Martins⁵, num dos seus artigos dedicados a esta obra, faz saber que do texto francês encontrou na Biblioteca Nacional de Paris (Fonds Français) oito apógrafos, fazendo notar, no entanto, que nenhum deles corresponde ao texto traduzido em português. Todos têm um começo semelhante, com a dedicatória de Frei Roberto à sua prima num estilo epistolar de grande afectuosidade⁶. No entanto, o Ms.1009 inicia-se com a frase latina "Intrauit Jhesus in quoddam castellum", ao que não é alheio o facto de neste manuscrito se encontrar uma versão distinta do *Château Périlleux*. Na verdade, e tendo talvez em vista um alargamento do público alvo, o texto sofreu alterações consideráveis ainda antes de ser traduzido para português⁷. O texto perdeu o carácter epistolar e, conseqüentemente, o tom de intimidade verificado entre emissor e destinatário foi atenuado, os vocativos afectuosos foram substituídos por expressões mais impessoais e algumas partes foram suprimidas.

As várias versões do texto em francês apresentam algumas dissemelhanças, não correspondendo nenhuma delas ao texto traduzido que é agora objecto de edição. No entanto, a versão portuguesa encontra-se seguramente afectada pelas circunstâncias pragmáticas acima referidas, encontrando-se mais próximo do Ms. 1009. É este texto que encontramos na Biblioteca Nacional, num códice pertencente à Livraria do Mosteiro de Santa Maria de Alcobaça, a qual assume especial importância no quadro geral das livrarias monásticas, funcionando na época e nos nossos dias como a "biblioteca nacional do Portugal medievo"⁸. Constituída⁹ por códices

⁵ Mário Martins (1955), « O Castelo Perigoso na sua forma original e numa adaptação francesa » in *Brotéria*, vol.LX, Lisboa, pp.36-43.

⁶ « A sa chiere cousine, suer et amie en Dieu, Rose. Frere Robers, votre cousin, grace en cest present siecle et gloire en lautre qui est a venir. Chiere cousine, je rens grace Dieu et a vous. Et si devez faire continuelment de la bonne volonte et du bon commencement que jay en vous [...]. Pour ce que je jay que vous avez desir de moy veoir souvent ce estre esperituel et recreacion ay je compile et ordonne o laide de Dieu ceste brieve epistre et amonicion » Bib. Nac. de Paris, *Fonds Français*, ms.1162, fl 1r. Cit. por Mário Martins (1955), op. cit., p.37.

⁷ Mário Martins (1955), op. cit., levanta a hipótese, embora sem grande convicção, de que o texto português possa ser, para além de uma tradução, uma adaptação do texto francês.

⁸ Joaquim de Carvalho (1982), *Obra Completa. História e Cultura*, t. II, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, p. 163.

⁹ Comparando o número de obras que se conhecem provenientes do Mosteiro de Alcobaça e de outros mosteiros, poder-se-á dizer que, tal como refere José Mattoso (1981), "Leituras cistercienses do séc. XV" in *Religião e Cultura na Idade Média Portuguesa*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, p.546, "a riqueza de obras teológicas e mesmo de obras escolásticas revelada pela biblioteca de Alcobaça devia ser bastante excepcional em meios monásticos". No entanto, no mesmo artigo (p.548), o autor levanta a hipótese de muitas dessas obras serem oriundas de outros mosteiros: "Os seus livros resultariam de uma concentração de manuscritos espalhados por todo o país. Se essa hipótese estivesse certa, teríamos de concluir que os monges brancos da célebre abadia não foram tão excepcionalmente cultos como parece à primeira vista, e que, por outro lado, o conhecimento de obras excepcionalmente cultos como parece à primeira vista, e que, por outro lado, o conhecimento de obras de um certo nível intelectual, ao menos para a vida religiosa, estava bastante difundido, mesmo em mosteiros rurais. Eis uma hipótese a averiguar, mas que, a verificar-se, modifica um pouco o panorama da nossa cultura medieval."

manuscritos relativos aos séculos XIII, XIV e XV, cópias e traduções do latim ou cópias de traduções, oferece uma tal riqueza de acervo que faz dela um caso singular no panorama português¹⁰. Nos cerca de 500 códices que nos legou, podemos encontrar textos de temáticas diversificadas, entre os quais se contam naturalmente obras de cariz espiritual, sendo a maioria delas traduções como é o caso do *Castelo Perigoso*.

A tradução assume-se no século XV como um meio privilegiado para aceder a textos escritos originariamente em latim ou noutras línguas românicas, sobretudo em francês e castelhano. Na verdade, e dado que grande parte da sociedade medieval desconhecia essas línguas, a tradução desempenhava uma função importante na promoção da cultura¹¹. Assim, e tal como aponta Aires Nascimento, “A função cultural da tradução foi também um ganho feito pela Idade Média. A fidelidade ao original exprimia-se por *ueritas*, a autonomia do sistema linguístico ateuve-se acaso à relação com a *latinitas*, a correspondência de efeitos assentou porventura na *elegantia* ou a garantia de inteligibilidade não dispensou a intervenção da *ordinatio* textual. As próprias limitações chamam a atenção para a complexidade de um processo que tem as suas raízes no tempo medieval”¹². Nesta função cultural aparece integrado o papel da tradução no desenvolvimento do vernáculo, porquanto o esforço em adequar estruturas linguísticas alheias ao português implicava um aturado trabalho sobre os meios que possibilitavam a transferências de sentidos e de construções, o que implicava, mesmo que empiricamente, uma reflexão sobre a língua.

Em 1827, Frei Fortunato de São Boaventura no *Commentariorum de Alcobacensi manuscriptorum Bibliotheca libri tres*¹³ dava conta de dois códices alcobacenses que continham dois exemplares da mesma obra, intitulada *Castelo Perigoso*, originalmente escrita em francês por um monge cartusiano e que foi traduzida para português no ano de 1368¹⁴. Esses manuscritos encontramos agora na Biblioteca

¹⁰ Cf. Joaquim de Carvalho (1982), op. cit., p.163 : « E assim, pouco a pouco, pela acumulação do trabalho de gerações, se foi formando uma notável colecção de códices que, pela quantidade, variedade e riqueza, conquistou para Alcobaça uma dilatada fama e facilitou a instauração e persistência da escola pública fundada por D. Fr. Estêvão Martins. Altas personalidades como a beata Mafalda, irmã de Afonso II, e o Infante Santo, D. Fernando, aceitavam ofertas ou solicitavam o empréstimo de livros ; e do estrangeiro, o humanista Poggio Bracciolini escrevia em 1441 ao Bispo de Burgos, Alfonso de Cartagena, pedindo que lhe desse notícia dos códices clássicos do mosteiro, *in quo plurimi esse dicuntur.* »

¹¹ Não é de estranhar, pois, que D. Duarte tenha no *Leal Conselheiro* enumerado regras sobre a « maneira pera bem tornar alg[ua] leitura em nossa lynguagem ».

¹² Aires A. Nascimento (1997), « Traduzir, verbo de fronteira nos contornos da Idade Média » in *Medievalia. O Género do Texto Medieval*, 12, Lisboa, Ed. Cosmos, p.138.

¹³ Frei Fortunato de São Boaventura (1827), *Commentariorum de Alcobacensi manuscriptorum Bibliotheca libri tres*, Coimbra, p.572.

¹⁴ Cf. *Comentarium de alcobacensi manuscriptorum bibliotheca libri tres*, Coimbra, 1827, p. 572 : «Cod.175 et 276. Duo ejusdem operis exemplaria, quod inscribitur – Castrum periculosum – et in *Bibl. Lusitana* Frei Victorio Bracharensi adjudicatur, atque anno 1362 finitum dicitur, continet. Gallici operis a quodam Carthusiano Monacho, sub titulo *Chateau perilleux* conscripti, qui in

Nacional de Lisboa nos códice alcobacense CCLXXVI/ 199 e CCLXXV/ 214¹⁵ escritos em letra gótica semi-cursiva da primeira metade do séc. XV, o primeiro, e em letra cursiva posterior, o segundo.

O *Castelo Perigoso* é o primeiro dos sete tratados que podemos encontrar nestes códices, dos quais fazem ainda parte: *Dos Benefícios de Deus*; *Do Livro da Consciência e do Conhecimento Próprio*; *Da Amizade e das Qualidades do Amigo*; *Das Penas do Inferno*; *Das Alegrias do Paraíso*; e *Livro dos Sete Caminhos e dos sete sinais do amor embebedado*.

Do primeiro tratado, o *Castelo Perigoso*, existem duas edições: a de João Antônio de Santana Neto e a do P. Augusto Magne; tivemos para já acesso apenas a esta última que, datada de 1945-46, foi editada em fascículos da Revista *Verbum*¹⁶

De *Dos Benefícios de Deus*, *Do Livro da Consciência e do Conhecimento Próprio* e *Da Amizade e das Qualidades do Amigo* tivemos conhecimento de uma edição realizada, mas ainda não apresentada, por Rita Queiroz da Universidade de São Paulo.

Das Penas do Inferno e *Das Alegrias do Paraíso* há o trabalho efectuado por M. Manuela Lança, *Para uma edição de dois tratados cartusianos do Castelo Perigoso: Das Penas do Inferno e Das Alegrias do Paraíso*¹⁷.

Do *Livro dos três Caminhos e dos sete sinais do amor embebedado* não temos conhecimento de nenhuma edição¹⁸.

Tendo em conta que o conhecimento científico de uma língua só se concretiza plenamente pela conexão entre as suas realizações presentes e os dados históricos disponíveis relativamente à sua evolução, pretende-se com a edição dos sete tratados cartusianos alargar o conhecimento da Língua Portuguesa aos antecedentes que se possam configurar de alguma pertinência para uma visão global da língua enquanto sistema em permanente evolução. Este estudo configura-se, assim, sobretudo como um contributo para o conhecimento da fase arcaica do português, pela observação e cotejo de variações e particularidades que possam estabelecer um

Biblioth. Reg. Parisiensi N.7034, et N. 7384 adservatur, mera translatio est, era 1406 seu anno 1368, ex Codice Gallico, ipso fatente Alcobacensi Monacho, translata » Cit. por Mário Martins (1956), « Os Sete Tratados Cartusianos do Cód. CCLXXVI/ 199 de Alcobaça » in *Estudos de Literatura Medieval*, Braga, Liv. Cruz, p.159.

¹⁵ Este, datado de finais de séc.XV ou princípios de XVI, não contém a tábuca e o prólogo. Na edição do texto que estamos a preparar seguimos o cód. CCLXXVI/ 199.

¹⁶ Augusto Magne, *Verbum*, Rio de Janeiro, t. 2 (1945), p.116-123, 233-238, 345-353, 458-469; t.3 (1946), p. 79-89, 191-201, 298-307 (Exemplares existentes na Biblioteca Geral de Coimbra e aos quais falta o primeiro fascículo).

¹⁷ M. Manuela Lança (1995), *Para uma edição de dois tratados cartusianos do Castelo Perigoso: Das Penas do Inferno e Das Alegrias do Paraíso*. Lisboa, Fac. Ciências Sociais e Humanas da Univ. Nova.

¹⁸ No final da apresentação deste texto foi-nos dito que há um trabalho de edição em curso deste tratado.

quadro de realizações linguísticas de uma época essencial para a formação do português actual, bem assim como para a estruturação das suas variedades. O trabalho que estamos a realizar sobre o conjunto dos sete tratados cartusianos tem como objectivos a edição, o estudo linguístico e a elaboração de um glossário dos textos.

Na adopção de normas de transcrição dos textos, tivemos em conta as palavras de Castro e Ramos (1986), ou seja, a necessidade de *reflectir estrategicamente* sobre o tipo de edição, o seu público preferencial, a época a que pertence o texto, as edições que dele existem, bem como o seu interesse no âmbito de estudos de índole linguística, literária ou histórico-cultural. Assim, aceitando que transcrição deve ser encarada como fenómeno tático dependente de razões estratégicas, optamos por uma edição vulgarmente denominada de 'conservadora', subjacente à qual está o que chamamos de *razão do texto* que caracterizamos como o princípio de autoridade do texto, sendo este encarado como uma realidade histórica e como uma entidade com voz própria, na medida em que permite aceder a uma mundividência autoral, epocal e linguística que, distante no tempo, tem, por conseguinte, de ser salvaguardada¹⁹.

Na edição de que agora damos conta (em curso e, como tal, sujeita ainda a reajustamentos de transcrição), os critérios de transcrição seleccionados foram, pois, nesse sentido, tanto mais que ela será a base sobre a qual pretendemos efectuar o estudo linguístico e o respectivo glossário. No entanto, considerando que seria importante que, para além dos investigadores da língua (para quem este tipo de edição de textos antigos poderá satisfazer interesses mais específicos), os leitores em geral e investigadores de outras áreas tivessem acesso mais facilitado aos textos, pensamos inserir no trabalho uma transcrição dos textos dita "modernizadora".

Bibliografia

- Berlioz, J. (1994) (apres.), *Moines et Religieux au Moyen Âge*, Paris, Ed. du Seuil.
- Carvalho, J. de (1982), *Obra Completa. História e Cultura*, t. II, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- Castro, I. e Ramos, Maria Ana (1986), "Estratégia e Tática de Transcrição" in *Critique Textuelle Portugaise. Actes du Colloque*, Paris, Fondation Calouste Gulbenkian.
- Lança, M^a Manuela (1995), Para uma edição de dois tratados cartusianos do Castelo Perigoso: Das Penas do Inferno e Das Alegrias do Paraíso. Lisboa, Fac. Ciências Sociais e Humanas da Univ. Nova.
- Magne, Augusto, *Verbum*, Rio de Janeiro, t. 2 (1945), p.116-123, 233-238, 345-353, 458-469; t.3 (1946), p. 79-89, 191-201, 298-307.
- Martins, M. (1955), « O Castelo Perigoso na sua forma original e numa adaptação francesa » in *Brotéria*, vol.LX, Lisboa, pp.36-43.

¹⁹ Aida Sampaio, "A edição de textos portugueses em prosa literária do século XV", XV Congrès International Société Internationale Rencensvals pour l'Étude des Épopées Romanes (Agosto de 2000, Université de Poitiers)

- Martins, M. (1956), « Os Sete Tratados Cartusianos do Cód. CCLXXVI/ 199 de Alcobaça » in *Estudos de Literatura Medieval*, Braga, Liv. Cruz.
- Mattoso, J. (1981), "Leituras cistercienses do séc. XV" in *Religião e Cultura na Idade Média Portuguesa*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- Nascimento, Aires (1997), « Traduzir, verbo de fronteira nos contornos da Idade Média » in *Medievalia. O Género do Texto Medieval*, 12, Lisboa, Ed. Cosmos, pp. 113-138.